III CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA
Práticas e Processos da Mudança Social
Associação Portuguesa de Sociologia (1996)
CELTA EDITORA

SOCIOLOGIA (INTERDIMENSIONAL) DA INTERNET

Pedro de Andrade

Sumário

1. O espaço e o tempo da Internet:
breve crítica aos conceitos coevos de espaço e de tempo sociais.
2. A Sociologia Interdimensional, os espaços e tempos societais.
3. Ilustração de alguns fenómenos sociais específicos à Internet

O espaço e o tempo da Internet: breve crítica aos conceitos coevos de espaço e de tempo sociais:

Tem-se afirmado que o espaço de troca da informação na Internet é um espaço virtual. Antes de mais, parece-me importante precisar um pouco o significado desta ideia. De um ponto de vista das Ciências da Natureza, o conjunto de lugares de circulação da informação que as redes constroem, não se refere, preponderantemente, a coordenadas físicas e reais, por forma a permitir seja a medida desse espaço, seja um outro qualquer objectivo. Este facto é válido, pelo menos, em relação às coordenadas e unidades de mensuração que nos são facultadas, ora pela geometria euclidiana, ora pela Geografia tradicional, ora ainda por outros sistemas de ordenação espacial clássicos. Com efeito, e pelo contrário, encontramo-nos diante de uma espacialidade organizada e formada, em grande parte, precisamente pela duração da própria transmissão da informação. Ou seja, é o tempo que produz o espaço, entre outros factores.
Assim sendo, um tal espaço contém propriedades diferentes dos atributos exibidos pelo espaço físico clássico. Por exemplo, não existe gravidade no espaço virtual da Internet: nele, não nos pode cair uma maçã em cima da cabeça, pelo menos uma maçã fisicamente pesada, que nos possa dar uma dor de cabeça real. Quando muito, se pensarmos que podemos ter uma dor de cabeça ao ver uma maçã a cair no ecrã de um monitor de computador, sentiremos eventualmente uma espécie de enxaqueca indirecta, de natureza agora virtual.
Daí que nos deparemos, na rede de todas as redes, menos com um espaço newtoniano ou com um sistema referencial tal como Galileu o concebe, e mais com um espaço einsteiniano. De facto, na Internet, a relação entre os sistemas de referência entendem-se — em maior escala do que no modelo da relatividade restrita de Galileu, que inaugura a física moderna, ou no de Newton — em articulação a uma multiplicidade de temporalidades. Por outras palavras, o jogo de referenciais de natureza reticular, próprio da Internet, aproxima-se, embora não seja semelhante, ao paradigma da relatividade restrita de Einstein ou ao modelo de relatividade generalizada deste último cientista, que introduz, entre outros conceitos, a ideia da “curvatura do espaço-tempo” causada pela massa dos corpos. Uma das características da relatividade reticular da Internet é o facto de que, como reparámos supra, a distância percorrida pela informação surge indissociável do seu tempo de transmissão. A Internet pode mesmo representar, hoje em dia, o espaço mais genuinamente einsteiniano do planeta, se bem que, como dissemos, não se confunda com essa perspectiva do universo.
O jogo *de* dicotomias espácio-temporais facultadas pela Internet revela-se infinito, embora o possamos sumarizar, por comodidade analítica, em dois casos gerais:
(a) O primeiro caso geral é aquele em que o espaço, de acesso ou de troca da informação, é relativamente constante. Por exemplo, quando se empreende uma consulta mais ou menos curta da Internet, essa situação caracteriza-se pelo carácter imediato do acesso ou da troca de informação, relativamente a uma distância imensa, planetária. Um tempo mínimo para um espaço

máximo. Por outras palavras, o espaço mundial torna-se, por assim dizer, global e único, já todos podemos aceder, em princípio, a qualquer um dos seus pontos, sendo assim esse espaço, em princípio, o mesmo para qualquer habitante do planeta, isto é, relativamente constante. Pelo contrário, aquilo que varia mais é o tempo, nas seguintes formas, entre outras: a quantidade de tempo da transmissão; o momento cronológico em que esta se efectua; os tempos de preparação da consulta (que constituem temporalidades de recepção ou de planificação); ou ainda o tempo após a consulta (que funciona como um conjunto de fases de interpretação e de réplica à mensagem recebida).
(b) o segundo caso geral, contrário ao precedente, é aquele em que o tempo é relativamente constante. Suponha-se que, num momento preciso, vários utilizadores da Internet tentam aceder a um mesmo servidor de informação. Aí, a mesma temporalidade (isto é, o momento de consulta contemporânea a todos esses utilizadores) corresponde a diferentes espaços, ou seja, os lugares diferentes de onde partiu uma determinada consulta nesse mesmo lapso de tempo.
No entanto, o espaço da Internet não se entende apenas de um ponto de vista físico, em que, para além de outras características, apresenta-se como um espaço virtual. As espacialidades da Internet são também espacialidades sociais, ou seja, são produzidas por determinadas sociedades, que se mostram, inversamente, estruturadas por esses lugares sociais inéditos de inter-relacionamento.
Repare-se, a este propósito, que aquilo que distingue a Internet, quanto ao tempo de comunicação entre agentes sociais, não é a rapidez de acesso, já que existem outros média que conseguem realizar isso há mais tempo e, em certos casos, de maneira mais eficaz. Por exemplo, o telefone liga duas pessoas instantaneamente, e a televisão passa muitos programas em tempo real.
Igualmente, o que diferencia a Internet, agora quanto ao espaço de comunicação, não é apenas a capacidade de ligação dos cidadãos de todo o mundo, o que também já foi executado antes do aparecimento da rede de todas as redes, pelas linhas de transmissão de dados internacionais e pelos satélites, ou mesmo pelo simples correio tradicional, que leva mensagens ao planeta inteiro. Diferentemente, uma das particularidades da Internet não é propriamente aquela interactividade virtual entre duas pessoas de cada vez, um emissor e um receptor, nem o raio de acção de amplitude global referido, mas a possibilidade de interactividade virtual global, ou seja, a conjunção de ambas essas características, tanto a conexão de muitas pessoas ao mesmo tempo, quanto o facto de isso se passar no interior de um espaço virtual.
Por outro lado, e ainda no que respeita o espaço das sociedades humanas, a definição da Internet não passa necessariamente pela hegemonia do global, em detrimento das localidades que se ligam a essa rede. Pelo contrário, a Internet talvez seja a forma como cada localidade se publicita melhor a si própria, chegando a todos os outros locais e com eles comunicando. As relações que a Internet faculta não são assim apenas planetárias, mas, por um lado, localmente globais, na medida em que todas as localidades adquirem uma dimensão planetária; e, por outro lado, globalmente locais, já que o mundo inteiro transforma-se, através da Internet, numa segunda aldeia global, embora distinta daquela que os *mass média* clássicos proporcionam, como veremos abaixo.
Esta ligação entre o global e o local na Internet pode detectar-se, parcialmente, em cada um dos espaços e em cada um dos tempos aí operantes, a partir do conceito de "*cyber-espaço*", mas também da ideia de cibertempo, que é apenas o conjunto das temporalidades subjacentes à participação de diversos sujeitos sociais nas redes de informação. Existem dois tipos básicos de coincidência potenciais de espaços ou de tempos, dentro da dicotomia "global / local":
(a) de um lado, pode passar-se uma coincidência de ciberespaços : por outras palavras, numa consulta ou troca de informação, o espaço social local de cada infonauta reúne-se, estruturalmente, com o espaço social global da rede de todas as redes;
(b) de outro lado, ocorre, muitas vezes, uma contemporaneidade de cibertempos: ou seja, em cada ligação de um agente social à rede, o tempo social específico desse utilizador coincide com o tempo circunscrito de outro ou de outros participantes, e ainda com o tempo planetário de todos os infonautas. Dito de outro modo, assistimos a uma ubiquidade global feita de múltiplas ubiquidades locais. Estas últimas não são mais do que as co-presenças definidas pela simultaneidade, durante a comunicação da informação pela Internet, de todas as localidades sociais.
Desta feita, a Internet aparece, em si mesma, como um dos média actuais mais poderosos. No entanto, a rede de todas as redes contém diferentes médias específicos no seu interior, ainda pouco diferenciados ou estudados, mas já pujantes, uns em maior escala do que outros. Vejamos alguns exemplos concretos destes novos média, que chamaremos médias de rede, (*ou net media*), na medida em que não são possíveis — ou pelo menos não poderiam ter tido a repercussão social que tiveram — sem o fenómeno das redes informatizadas e, em particular, sem a Internet.
Em dissemelhança com os mass média comuns, os *net média* não se dirigem apenas, e principalmente, às massas de consumidores de lazer ou de cultura, mas propõem uma forma mais abrangente e, em muitos aspectos, inédita, de viver a vida quotidiana na sua totalidade, tanto a nível colectivo como individual.
Estes *net media*, para o caso da Internet, correspondem, grosso modo, e até hoje, aos seus principais serviços, que são, como sabemos: as *home pages,* ou folhas de informação; os *newsgroups,*

ou grupos de discussão sobre um tema dado; o *e-mail,* isto é, o correio enviado por meios electrónicos; e os *chats,* ou seja, as conversas em tempo real entre infonautas. Ora, estas actividades estendem-se desde a participação em "tempo real", ou seja, instantânea, até à intervenção em "tempo diferido", isto é, a resposta a uma mensagem perpetrada algum tempo depois de a primeira comunicação ter sido recebida ou recolhida. Os *chats* constituem o meio e a figura de comunicação na Internet mais imediatamente recíproco, visto que evoluem em tempo real; depois, o correio electrónico permite uma troca de mensagens também relativamente rápida; já os grupos de discussão, pela sua natureza (a necessidade de reflectir individualmente sobre a mensagem ou "artigo" a fornecer para o diálogo comum) requerem um tempo de troca mais longo; finalmente, as *home pages* destinam-se a ficar à disposição dos infonautas durante largos períodos de tempo, embora sejam actualizadas regularmente.

A Sociologia Interdimensional, os espaços e tempos societais

A Sociologia Interdimensional, como veremos em seguida, consiste numa reflexão em que os espaços e os tempos sociais adquirem um papel fundamental.
O seu pressuposto fundamental é que a sociedade não se entende numa única dimensão do social, mas em várias, que se intersectam entre si.
As principais dimensões são as esferas (a socioeconómica, a política ou do poder, e a ideológica, discursiva ou cultural; os níveis (o macrossocial, o microssocial e o nível mediador das instituições, organizações, associações e grupos); as negociações sociais, que contém zonas como as argumentações e as interpretações que os sujeitos sociais empreendem na resolução de um conflito, por forma a chegar a um consenso. Nesta perspectiva, cada fenómeno social possui pelo menos um valor associado a cada uma destas dimensões. Esta combinação dos valores de cada dimensão constitui um espaço social, que se passa num dado tempo. Cada combinação de um espaço social e de um tempo social forma um passo quotidiano. Um conjunto de passos diários constrói, por sua vez, os processos sociais.

Os níveis sociais da Internet

Em primeiro lugar, vejamos o que se passa nos níveis sociais, relacionados com a Internet. Em termos macrossociais, a Internet não seria possível sem determinadas estruturas sociais actuais, como aquelas que caracterizam os países centrais desenvolvidos: as necessidades crescentes de informação, que se impõe como uma das mercadorias mais valiosas, etc.
Igualmente, ao nível intermediário das instituições, organizações, associações e grupos sociais, a Internet apareceu no seio de instituições como as universidades, de onde herda grande parte das suas características, como a relativa informalidade das relações, para depois invadir todas as malhas institucionais das nossas sociedades.
Depois, ao nível microssocial, as práticas de troca de informação na rede constroem um novo tipo de interactividade, que é dupla: entre o homem e a máquina; e entre pessoas no interior de um sistema automatizado. Esta interactividade é feita de co-presenças múltiplas, não já físicas, mas virtuais. Por outras palavras, assistimos a uma metamorfose determinante da relação entre os sujeitos sociais e as instâncias do "aqui" e "agora", a partir da qual alguns autores caracterizam as situações quotidianas, como Peter Berger. Por exemplo, a proximidade de um actor social ao seu interlocutor é dada não pela co-presença num mesmo local próximo fisicamente, mas pela co-presença virtual conseguida durante o tempo de transmissão na rede. Este microssocial produzido e reproduzido pela Internet é assim feito do simulacro do outro, ou mesmo do seu fantasma.

As esferas sociais e a Internet

Em segundo lugar, considere-se a articulação entre as esferas sociais e a rede de todas as redes. No que respeita a esfera económica, a Internet só se mostrou viável, nesta sua primeira fase, por ter sido financiada por vários governos, de que a dupla americana Clinton-Gore constituiu um dos pontos de referência. Hoje, o comércio na Internet encontra-se em crescimento acelerado, sob a forma de publicidade e de vendas de produtos, ou do consumo de serviços à distância.
Quanto à esfera dos poderes, para além da vontade política citada, múltiplos outros modos de pressão insinuam-se paulatinamente na rede. Os *hackers* ou piratas informáticos, por exemplo, mudaram em profundidade a ética da comunicação e, por essa via, as regras de segurança internacional. Para além disso, provocaram adaptações significativas da legislação relativamente à propriedade de direitos de autor. Por outro lado, a dominação do Estado pode exercer-se de feição mais apertada através do controlo dos cidadãos que a rede favorece. Esta situação motivou o aparecimento de formas de resistência inéditas, como a Home Page de Timor Leste que, sublinhe-

se, não tem nada de “virtual”. A apresentação, por todo o globo e durante o dia 8 de Fevereiro de 1996, de inúmeras *home pages* sem nenhuma informação, apenas exibindo um ecrã negro, constituiu uma maneira original de protestar contra a aprovação de uma lei de regulamentação e censura da Internet, pelo Congresso Americano. Esta atitude marca o aparecimento de uma luta política de novo tipo, em que a informação e os seus meios de produção e de difusão mais recentes adquirem um papel protagonista. Um dos seus atributos é certamente aquilo que poderíamos denominar de resistência global, ou seja, uma figura de reivindicação por parte dos cidadãos mundiais partilhando um mesmo conjunto de interesses. Um destes interesses é precisamente a preservação da liberdade de informação e de expressão, o que pode justificar modos de luta radicais como a censura à censura. Um tal modo de protesto pode desembocar, em determinadas condições sociopolíticas, em importantes movimentos sociais.
Na esfera da cultura, ideológica e discursiva, apenas os saberes actuais permitiram e encorajaram, seja a cultura informática, sejam as discursividades que nela proliferam. O próprio conhecimento transforma-se com as possibilidades recentes dos *net media*.

As negociações sociais na Internet

Em terceiro lugar, observemos como decorrem as negociações sociais na Internet. Os *net media* encerram retóricas e hermenêuticas próprias. Assim, as *home pages* podem funcionar como forma de teleconvencimento dos utilizadores da rede, e de teleínterpretações por parte destes, seja no plano científico, lúdico, ou outro. A Internet surge assim como uma espécie de árbitro, médico ou juiz de múltiplos conflitos, que se resolvem muitas vezes por meio de uma consulta ou por uma troca catártica de informação.

Ilustração de alguns fenómenos sociais específicos à Internet

Para finalizar, darei somente mais dois exemplos de novos processos sociais que a Internet faculta.
(a) O primeiro é o que chamaria de ciberopinião ou opinião pública virtual. A ciberopinião é simplesmente a opinião de um sujeito social, individual ou colectivo, transmitida através de uma rede electrónica, sobre um tema qualquer da vida social. Este fenómeno é visível principalmente nos *newsgroups* ou grupos de discussão, que debatem precisamente opiniões díspares sobre um assunto de interesse colectivo; contudo, a opinião pública virtual surge ainda nos *chats* (ou conversas electrónicas), e ainda no correio electrónico, em que as opiniões, os factos e documentos anexos coexistem por vezes numa mesma mensagem. Por seu turno, as *home pages* não emergem enquanto voz pública de muitas instituições, organizações, associações e grupos, ou mesmo de indivíduos, o que significa que exprimem, logo no próprio acto de serem publicitadas na Internet, uma dada visão do mundo. Por conseguinte, desde os grupos de discussão, eminentemente de cariz subjectivo e sensível, passa-se gradualmente para a maior objectividade e racionalidade subjacentes às *home pages*, através das figuras intermediárias da dicotomia “subjectividade / objectividade” que os *chats* e o correio electrónico representam.
Uma segunda característica da ciberopinião, para além da anterior — isto é, o seu envio por uma rede de informação — é o facto de não se exercer somente em períodos especiais da vida democrática, mas frequentemente na vida quotidiana. Constitui, desta feição, um dos mais básicos instrumentos de cidadania das nossas sociedades hodiernas e futuras.
O terceiro atributo da opinião pública virtual é este: ela contém, em potência, todos os outros tipos de opinião pública, como sejam a opinião pública nacional, a opinião pública internacional e a opinião pública local. Dito de outra maneira, exerce-se tanto à escala de um Estado-nação, quanto do planeta inteiro, como ainda de uma comunidade de comunicação e de sentido restrita.
(b) um segundo fenómeno interessante que perpassa na Internet relaciona-se com a identidade dos seus participantes. Uma Psicanálise da Internet, ainda a construir, analisaria as identificações que os infonautas empreendem, com objectos ou personagens simbólicos pertencentes ou não ao imaginário da rede, em vista à construção de uma ou de outra identidade virtual. De um modo geral, existe uma dupla identidade nos utilizadores das redes informatizadas: a identidade real, própria da vida comunicativa fora da rede; e uma ou várias identidades virtuais, subsidiárias da vida social no interior da rede. Um caso paradigmático disso mesmo é o que denominaria de efeito Pessoa, que consiste no seguinte: devido à situação de relativo anonimato que a Internet permite, o endereço de correio electrónico é muitas vezes uma alcunha, possuindo uma mesma pessoa, por vezes, várias moradas. Uma tal prática pode levar à multiplicação das personalidades electrónicas correspondentes a um mesmo infonauta, o que construirá diferentes heterónimos. No entanto, estes heterónimos não são, por assim dizer, “reais”, como aqueles propostos por Fernando Pessoa, mas apresentam-se, pelo contrário, enquanto heterónimos virtuais. Com efeito, o processo de construção de personalidades diferentes na rede não se encontra plenamente

realizado, como no caso do escritor, que distingue perfeitamente pelo menos 4 personalidades distintas. Pelo contrário, na Internet esse processo mostra-se em aberto, na medida em que todas as personalidades são possíveis. Esta virtualidade de personalidades é uma das características estruturais da Internet. O virtual desvela-se assim não só como aquilo que não é real, mas o que tem grandes probabilidades de o ser. Por seu turno, a Internet assume-se, desta feita, como uma das mais promissoras formas sociais da realidade virtual.

Sociologia (Interdimensional) da Internet

O autor pretende reflectir sobre as implicações sociais e sociológicas da Internet, que se afirma, na actualidade, como a mais importante rede mundial de redes de computadores. Uma tal análise será realizada no interior da Sociologia Interdimensional, modelo de explicação e de compreensão sociológicas apresentado anteriormente pelo autor. O texto estende-se por várias etapas: (a) a crítica aos conceitos actuais de espaço e de tempo sociais; (b) a inserção destes conceitos naquele paradigma interpretativo interdimensional, onde ocupam um papel central, ao articularem-se com todas as dimensões societais; (c) a conexão das espacialidades e das temporalidades sociais com fenómenos específicos da Internet, como a intersecção dos ciberespaços e dos cibertempos. Desdobrando estes conceitos complexos de espacialidades e de temporalidades sociais, pode-se chegar a uma caracterização das estruturas sociais coevas que permitem a Internet, assim como é possível definir as práticas, os agentes e os objectos envolvidos na comunicação telemática da informação, ou ainda os interesses económicos, políticos e culturais em jogo na “rede de todas as redes”. Tudo isto encontra-se mediado pelas negociações que têm como palco a Internet, por exemplo os novos comércios ou consumos à distância, a publicidade nas redes de informação, o controlo dos cidadãos, a resistência das minorias, o cibersexo, ou a proposta de novas expressividades discursivas no campo telemático. Essas telenegociações são veiculadas por inéditas metodologias argumentativas e interpretativas, de que o *e-mail*, as *home pages*, a pesquisa de informação, as videoconferências, os *newsgroups* e os *chats* constituem algumas das ilustrações mais significativas.